

O USO DE HISTÓRIA LOCAL EM TURMAS DE EJA: CAMINHO TRAÇADO PARA ALCANÇAR O CONHECIMENTO HISTÓRICO

THE USE OF LOCAL HISTORY IN EJA
GROUPS: A PATH DRAWN TO ACHIEVE
HISTORICAL KNOWLEDGE

Diego Raian Aguiar Pinto 1

Resumo: Este estudo objetiva problematizar o ensino da história local em turmas de EJA-Educação de Jovens e Adultos-, com o intuito de fazer com que a disciplina de história seja lecionada em total consonância com o cotidiano do aluno dessa modalidade de ensino. A respeito dos autores estudados, Gonçalves (2007) e Côrrea (2012) foram analisados a partir de três perspectivas: as considerações sobre a História Local, a aplicabilidade dessa História em sala de aula e, por último, a delimitação da história local no campo historiográfico. Por outro lado, Schmidt e Cainelli (2004) e Rüsen (2001) orientam nossa leitura acerca do conhecimento histórico. Assim, esse estudo pretende contribuir com a construção de conhecimento a respeito do uso da História Local em turmas de EJA, além de servir como exemplo para a realização de experiências futuras em áreas de conhecimento e atuação similares.

Palavras-chave: Conhecimento Histórico. Educação de Jovens e Adultos. Experiência de Estágio. História Local.

Abstract: This study aims to problematize the local History teaching in Youths and Adults Education (EJA) classes, so this subject can be taught in full consonance with the daily life of the student of this modality. Regarding the studied authors, Gonçalves (2007) and Côrrea (2012) were analyzed from three perspectives: the local history considerations; the applicability of this history in the classroom, and, finally, the local history delimitation in the historiographical field. On the other hand, Schmidt and Cainelli (2004) and Rüsen (2001) guided our reading on historical knowledge. Thus, this study intends to contribute with the knowledge construction about the use of Local History in the EJA classes, besides being an example for future experiences in similar areas of knowledge and work.

Keywords: Historical Knowledge. Youths and Adults Education. Training Experience. Local History.

A presente produção objetiva problematizar o ensino da história local em turmas de EJA- Educação de Jovens e Adultos-, com o intuito de fazer com que a disciplina de história seja lecionada em total consonância com o cotidiano do aluno dessa modalidade de ensino. Tal problemática surgiu da experiência vivenciada na realização do componente curricular *Estágio III*, que foi realizada no Grupo Escolar Senador Ovídio Teixeira em uma turma de 5ª/6ª série da EJA. Essa experiência de estágio foi realizada em dezesseis (16) horas/aulas, carga horária obrigatória para o período de regência de sala de aula conforme definido pela Comissão de Estágio do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Para tanto, partiremos da realização de 02 singulares aulas lecionadas no período de regência, nas quais foi feita uma abordagem da história local do Município de Caetitê, localizado no estado da Bahia, mais especificamente sobre uma das principais práticas econômicas dessa cidade: extração mineral do Urânio. Para realização dessa aula, o principal recurso utilizado foi a vivência dos alunos, pois, ao partir de discussões que guiam o estudo da história local, entendemos que o convívio dos discentes com o assunto abordado é a base de sustentação para o desenvolvimento do conhecimento histórico.

A rememoração das aulas abordadas será o ponto de partida para adentrarmos na problemática proposta por esse artigo, uma vez que os métodos e os recursos utilizados serão colocados sob análise e, posteriormente, discutidos no corpo dessa produção. Além disso, usamos o questionário de produção pessoal que foi passado para os alunos com a finalidade de fazer com que eles dissertassem sobre a importância da abordagem da história do seu município em sala de aula, além de tentar colher opiniões sobre o êxito (ou não) da tentativa de fazer da história uma disciplina mais próxima de seu cotidiano. Por fim, fizemos ainda uma revisão bibliográfica dos autores e temas que guiam as discussões relacionadas a essa temática e que subsidiam, teórica e metodologicamente, as discussões sobre a experiência de estágio e o ensino da história local na disciplina de História.

A respeito dos autores estudados, Gonçalves (2007) e Côrrea (2012) foram analisados a partir de três perspectivas: as considerações sobre a História Local, a aplicabilidade dessa História em sala de aula e, por último, a delimitação da história local no campo historiográfico. Por outro lado, Schmidt e Cainelli(2009) e Rösen(2001) orientam nossa leitura acerca do conhecimento histórico. Além disso, foram da mesma forma considerados, outros autores que contribuíram de forma significativa para a construção dessa pesquisa.

Por ter como objeto de estudo o uso da história local em turmas de EJA e por esse ser um estudo que descreve a experiência de um estagiário de História que faz uso dessa abordagem conceitual em sala de aula, é que esse estudo tem relevância. Outra característica dessa pesquisa é o ineditismo para a comunidade acadêmica, uma vez que não foram encontrados estudos que vinculam história local à modalidade de ensino citada. Assim, a construção desse estudo propiciará uma experiência que poderá ser aplicada por professores da Educação de Jovens e Adultos, além de abrir possibilidades de novos estudos que sigam essa linha de abordagem.

Ao se discutir a Educação de Jovens e Adultos é extremamente importante delimitarmos seu espaço de atuação e seu público alvo: a EJA surgiu da necessidade de oferecer uma educação inclusiva a jovens e adultos que não conseguiram, por diferentes motivos, concluir seus estudos em tempo regular. Por isso, o que se observa nessa modalidade de ensino é a grande presença de trabalhadores-estudantes, que alternam a vida diuturna com as tentativas de estudo durante a noite, ou vice-versa. A dificuldade dos alunos em manter uma rotina tão árdua como essa é um dos grandes problemas enfrentados pela EJA; muito por isso, o índice de desistência é muito grande em todo país.

A Coordenação Geral de Educação de Jovens e Adultos, COEJA, no volume 2 de sua proposta curricular para o 2º segmento (5ª a 8ª série) da EJA, publicado virtualmente, nos diz sobre sua proposta de trabalho com a disciplina de História nessa modalidade de Ensino. Segundo a proposta da COEJA, é necessário que para o melhor desenvolver das aulas de História, o professor relacione o seu contexto e o dos alunos com os conteúdos substantivos da disciplina, ou seja, explicar os conteúdos de história levando em conta a realidade social dos alunos:

A proposta sugere que, em primeiro lugar, o professor problematize o contexto em que ele e os alunos estão imersos. Em seguida, numa sequência de atividades, deve estabelecer relações entre as problemáticas identificadas e as questões sociais, políticas, econômicas e culturais de outros tempos e de outros espaços a elas pertinentes – privilegiando a História do Brasil e suas relações com a História da América, da África e com diferentes sociedades e culturas do mundo. (COEJA, 2016, p. 134)

Como visto, a COEJA, órgão ligado ao Ministério da Educação, traz contribuições sobre os métodos de desenvolvimento do ensino de História para a EJA. Ao levar em consideração as vivências dos alunos, são abertas as possibilidades para a melhor compreensão do conhecimento histórico, já que a proposta de fazer relações do cotidiano do aluno com os fatos considerados históricos é de suma importância para o desenvolver de uma disciplina mais didática, na qual os alunos participem e se sintam sujeitos formadores da história.

Jörn Rüsen (2001) vem tratar, dentre outros assuntos, da consciência histórica e das formas dos docentes adquirirem tal consciência. O autor, em um de seus trechos mais citados em projetos que tem a educação histórica como principal objeto de estudo, diz:

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno (...) no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E “histórico” significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural. (RUSEN, 2001. p. 79)

Rüsen (2001), dessa forma, considera que todo indivíduo é histórico desde o seu nascimento, por isso merece ser sempre problematizado historicamente; é preciso que a relação entre o mediador do conhecimento histórico, nesse caso o professor, e seu “receptor”, o aluno, seja uma relação de troca intensa de conhecimento, haja vista que o homem não existe fora da história e todas suas reações são produtos de um meio social, cultural, econômico etc. As ações dos homens devem ser sempre objeto de problematização por parte dos professores.

O uso da história local em turmas de EJA, conforme a nossa experiência de estágio, segue os rastros da abordagem de Rüsen (2001). Ao fazer um estudo do local de nascimento dos alunos e ao problematizar os lugares e as redes de sociabilidades que eles participam diariamente, fazemos com que o interesse pelas aulas de História cresça. Dentre as circunstâncias que justificam tal afirmativa, a empatia do aluno com a sua cidade - que é causada por motivos como a proximidade com sua terra natal, o contato com os outros municípios e as notícias frequentes sobre os acontecimentos diários - é o fator principal para o aumento do empenho em estudar a história.

A história local, entre tantos outros méritos, contribui também para a formação do conhecimento histórico, pois ao levar em consideração que o ensino de história deve partir da realidade dos alunos, abre-se a possibilidade de trabalhar com os seus locais de vivência, fazendo com que eles tenham maior interesse pela obtenção desse conhecimento. Para o ensino de história local é necessário fazer diversas significações, relações e diálogos constantes para, assim, atingir o tão almejado conhecimento histórico. Esse conhecimento “significa partir do pressuposto de que ensinar história é construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre fatos que ocorreram em outras socieda-

des e outras épocas.” (SCHMIDT e CAINELLI, 2009, P. 54)

Gonçalves (2007) aborda sobre os recortes e os focos de observação que são necessários para o estudo da história local. Talvez por não pretender estudar o ensino da história local em sala de aula e focar sua análise na construção de abordagens teóricas sobre o tema, a autora consegue ser mais precisa na delimitação da análise do locus de pertencimento dessa história. Para ela,

(...) a ênfase sobre a história local não se opõe às histórias nacionais. O recorte sobre a história local apenas designa uma delimitação temática mais ou menos inclusiva, em função das redes de interdependência e sociabilidade entre determinados atores, no lugar escolhido. (GONÇALVES, 2007, p. 175/176)

Desse modo, Gonçalves (2007) problematiza a “delimitação temática da história local”, que, segundo ela, não é o oposto das histórias nacionais, algo que levamos em consideração na utilização da história local em turmas de EJA, visto que a temática da história local que utilizamos tinha, em partes, relação com o assunto da Unidade. De fato, o que percebemos é que essas relações entre passado e presente e entre história nacional e história local são a base para a melhor compreensão do ensino de história pelo aluno.

As mudanças que vem acontecendo no ensino de história ocasionam a criação de uma disciplina mais voltada para o social e mais preocupada com os modos de se alcançar o conhecimento histórico. O estudo da história local em sala de aula por si só mostra essa evolução na historiografia: onde antes era história nacional e de grandes heróis, hoje, seguindo as premissas dessa evolução, é sujeito social na construção histórica. Os sujeitos e os eventos mudam ao tempo em que uma história pautada no social é contada diferentemente das tomadas como verdades absolutas por uma historiografia tradicional. É fundamental que os professores e alunos entendam que as ações dos homens no tempo são as verdadeiras formadoras da história.

Essa preocupação com a mudança de foco da história pode ser observada na experiência de *Estágio III*, já citada nessa produção. A ideia de se trabalhar com algo mais próximo dos alunos de EJA surgiu pouco depois de conhecer a turma na qual seria realizada a minha regência de sala aula. Levando em consideração minha formação acadêmica, pautada especialmente no estudo da história social, e a minha relação com a cidade de Caetité, senti a extrema necessidade de abordar desse local em sala de aula. Por isso, ao observar os assuntos que lecionaria durante a Unidade, pensei na possibilidade de inserir algum momento da história dessa cidade nos conteúdos que ali seriam desenvolvidos. Dessa forma, visualizamos a possibilidade de trabalhar junto com a extração do ouro no Brasil Colônia, a extração de outro minério importante para a história do Brasil, onde grande parte é extraído na cidade de Caetité, o urânio. E, assim, a metodologia de aplicação da proposta apresentada por este artigo começou a ser estruturada.

É importante reafirmar que o presente artigo assume a posição de relator de uma prática de estágio ocorrida no ano de 2017. A metodologia deste artigo, portanto, apresenta a aplicabilidade da proposta de utilização da história local para o ensino da disciplina de História, e é amparada nos autores apresentados no corpo deste texto. Abaixo, serão apresentados os passos seguidos para a aplicação da proposta elaborada, além de problematizar os resultados colhidos e os conteúdos abordados durante a sua execução.

O urânio em Caetité foi descoberto em 1976 e é extraído pelas Indústrias Nucleares do Brasil – INB. A mina onde ocorre a extração desse minério fica a cerca de 30 km de distância do município e, segundo reportagens, relatos pessoais e opiniões técnicas, é uma área de grande risco, uma vez que alguns processos de extração não são divulgados à população na tentativa de mostrar que a manipulação do Urânio não causa danos à saúde da população, além de já ter acontecido alguns acidentes no trato desse material radioativo.

Por tamanha proximidade desse assunto com a vida do professor e dos alunos e por esse ser um fato que mexeu com a vida de todos os caetiteenses devido a grande preocupação que emergiu quando as notícias deram conta do perigo da contaminação do Urânio na água e no solo de Caetité, colocamos esse assunto para ser tratado em duas aulas do estágio, logo

depois de discutirmos nas aulas anteriores as relações existentes no ciclo do ouro no Brasil Colônia.

Na sequência dos conteúdos, o livro didático propunha que após o trabalho do ciclo do ouro no Brasil Colônia o professor fizesse um contraponto com a atualidade, trabalhando com o garimpo de ouro em Serra Pelada. Porém, por entender que seria necessário trabalhar com as questões de pertencimento dos alunos perante sua cidade, e depois de explicado a proposta da aula para o professor regente e para o professor orientador do estágio, decidimos realizar as aulas sobre a extração do Urânio em Caetité, sem esquecer de realizar a ligação entre os temas e entre as relações de passado e presente, conforme defendido por Gonçalves (2007).

O planejamento para o uso da história local em sala de aula precisa ser muito cuidadoso, até porque, na maioria dos casos, o professor que vive em uma cidade pequena encontra dificuldades de encontrar fontes, pois o seu lugar de fala não é tema comum nos livros didáticos e noticiários. Portanto, se fez necessário uma pesquisa minuciosa, tendo que filtrar o noticiário regional e as ferramentas de busca da internet com o intuito de encontrar notícias, vídeos ou informes sobre a temática proposta para a aula.

Depois de realizar as pesquisas e reunir o maior número de fontes, o plano de aula foi organizado e, com o intuito de auxiliar os alunos na construção do conhecimento histórico, uma linha de abordagem que guiaria os rumos da aula foi definida. Felizmente, as notícias sobre a extração do Urânio no município de Caetité foram encontradas e, com isso, já no planejamento, tínhamos a noção da aula que seria realizada.

Dessa forma, depois de realizado o planejamento das aulas, a metodologia foi assim dividida:

1. Explicação da proposta de aula: Aqui, o mediador (professor) teve a responsabilidade de explicar a proposta de aula, conversando com os alunos sobre os objetivos da aula e as relações que se pretende fazer com o ciclo do ouro no Brasil e a extração do Urânio no Município de Caetité. As relações entre presente e passado e entre os sujeitos sociais existentes nos “dois processos mineratórios” proporcionam ao aluno o entendimento de que a história é algo construído próximo deles e por eles mesmos.

2. Utilização de recursos de vídeo: Nesse momento se dá o início da mediação do conteúdo. Primeiro, exibimos a terceira parte do documentário intitulado “O ciclo do Urânio”, produzido pelo Greenpeace Brasil, que aborda a extração desse minério de ferro no município de Caetité-Bahia. Depois, como proposto, exibimos o vídeo feito pela INB, intitulado “Ciclo do Urânio”. Com a exibição desses dois vídeos pretendemos fazer com que os alunos percebam que a história sempre tem diferentes visões, já que são duas vertentes diferentes: a da INB, que diz que a energia produzida pelo Urânio não causa nenhum impacto ambiental e social, e a do Greenpeace, que diz totalmente o contrário.

3. Posterior a exibição dos dois vídeos, estabelecemos um diálogo entre professor-estagiário e aluno com o objetivo de trocar experiências sobre o assunto. Consideramos que todos os presentes sabiam de alguma história sobre o urânio, haja vista que essa temática por muito tempo se tornou assunto principal no município de Caetité, muito por conta da grande preocupação que se alastrou nesse local com o risco iminente de contaminação de urânio. A recepção do conteúdo foi muito positiva e, de fato, os alunos se mostraram conhecedores dessa recente história da cidade de Caetité.

4. Por fim, depois das discussões se mostrarem muito interessantes e cheias de historicidade, recomendamos aos alunos a produção de um texto de opinião sobre os dois processos mineratórios analisados, comparando e delimitando-os.

As dificuldades dos alunos de EJA são visíveis, porém, ao nosso ver, cabe ao professor de história encontrar a melhor maneira de mediar o conhecimento histórico em sala de aula. Ressaltamos que o uso da história local em turmas de EJA se mostrou um meio de mediação desse conhecimento e, através dele, conseguimos ter boas respostas dos alunos as problemáticas levantadas.

As respostas dos alunos às problemáticas estudadas em sala de aula constroem a ava-

liação do professor. E sobre isso, Mantovani (2006) aborda os métodos avaliativos usados nas formas tradicionais de ensino. Para ele,

A importância realçada das notas como forma tradicional de avaliação pressupõe um ambiente educacional centrado na análise quantitativa do conhecimento adquirido por seus alunos, ou seja, o fator numérico apresenta-se como mais importante do que o aprendizado do aluno. Esse procedimento avaliativo vem ganhando cada vez mais questionamentos e críticas por parte de pesquisadores e docentes.¹ (MANTOVANI, 2006, p.13)

O autor é muito preciso ao problematizar os métodos avaliativos da educação tradicional; segundo ele, a quantidade de pontos atingidos por disciplina é o mais importante nesse sistema, enquanto o real aprendizado do aluno fica de lado. Muito por isso, percebe-se a falta de empatia do aluno para com as disciplinas que, na maioria das vezes, viram pesados fardos que eles têm de carregar até o término do ano letivo.

Como dito, para desenvolver qualquer atividade na EJA é preciso que levemos em conta as características individuais existentes nessa modalidade de ensino, inclusive para o desenvolver de métodos avaliativos. É necessário que a experiência dos alunos seja sempre o principal recurso para o planejamento das aulas e das avaliações, pois as particularidades do público da EJA implicam na necessidade de um ensino dinâmico e atrativo.

Dito sobre as particularidades gerais da EJA, cabe aqui a caracterização da turma na qual as aulas de história local foram aplicadas para, desse modo, a partir das especificidades dos alunos, começarmos a analisar os resultados que essa experiência proporcionou.

A turma em questão trata-se de uma 5ª/6ª série, com cerca de 22 alunos frequentando irregularmente, tendo estes média de idade de mais ou menos 33,4 anos. Existem alguns alunos que já beiram a maior idade e outros que são menores de idade, respeitando a portaria estabelecida para a matrícula na EJA. Portanto, a partir desses dados, já se percebe a complexidade de se trabalhar com as turmas de EJA. Sobre a frequência, é válido ressaltar uma das grandes dificuldades da modalidade de Ensino EJA: a presença inconstante dos alunos. Eles não conseguem manter uma regularidade, alternando semanalmente a suas idas à escola, fato que dificulta o planejamento das aulas e as avaliações de aprendizagem.

Com a presença de tantas especificidades, o uso da história local nessa turma de EJA surgiu como uma possibilidade de junção de conhecimentos tão distintos e de experiências de vida tão singulares. Tratar do local de nascimento desses alunos permitiu ainda a utilização por parte deles dos tantos anos de aprendizagem, exteriores a escola, que foram adquiridos durante a vida.

O retorno positivo do uso da história local nessa turma foi recebido, dentre outras formas, pelas respostas fornecidas nos onze (11) questionários de avaliação da história local que foram devolvidos pelos alunos, no qual eles se mostraram satisfeitos com as discussões sobre o urânio no município de Caetité. Esse questionário foi entregue já próximo ao término de estágio e foi passado com o objetivo de fazer com que os alunos avaliassem o uso dessa história na experiência de estágio, respondendo, além dos dados pessoais, as seguintes proposições:

- a) Você acha importante falarmos de Caetité em sala de aula?
 - b) Por que?
 - c) Você acha interessante falarmos do Urânio em Caetité?
 - d) Ao falar do urânio em Caetité, você sentiu a história acontecer mais próximo de você?
- (Nessa questão pretendemos entender as questões de pertencimento dos alunos ao se trabalhar com a História ligada aos seus locais de vivência)

As respostas dos alunos guiaram a discussão proposta por esta pesquisa, pois ao perce-

ber as respostas positivas dos alunos sob o uso da história local em turmas de EJA, concluímos que essa experiência, quando feita nos moldes adequados, consegue atingir os seus principais objetivos. Abaixo, usando nomes fictícios, colocaremos algumas perguntas (em negrito) e suas respectivas respostas que mostram a importância de se trabalhar a história local em uma turma de EJA:

Você acha importante falarmos de Caetité em sala de aula?

Joanna, 28 anos, cabelereira:

“Acho sim, é muito importante falar sobre a nossa cidade.

Sobre essa questão teve apenas uma resposta negativa:

Carlos, 41 anos, vigilante:

“Nada em Caetité evoluiu, é velho e pouco evoluiu.

Uma das possibilidades para essa resposta negativa é a falta de empatia do aluno com a cidade de Caetité. O discente nasceu na cidade de Igaraporã e sonha futuramente em morar em uma cidade maior. Não houve a possibilidade de abrir uma discussão com o aluno devido ao término da regência de estágio, talvez se houvesse mais tempo poderíamos mostrar a ele a importância de se tratar da região que pertencemos.

Sigamos com as perguntas e as respostas:

Você achou interessante falarmos do urânio em Caetité?

Manuela, 52 anos, lavradora:

“Sim, devemos falar porque é um assunto muito comum até em jornais”

Juliana, 33 anos, manicure:

“Eu achei muito interessante porque assim eu aprendi muito sobre o urânio”

João, 17 anos, garçom:

“Sim, porque a gente descobriu toda história do urânio e descobriu as riquezas que existiu e existe em nossa cidade.”

Joanna, 28 anos, cabelereira:

“Sim, para nós termos conhecimento e saber também que o urânio traz doenças para nossa saúde.”

Ao falar do urânio em Caetité você sentiu a história acontecer mais próxima de você?

João, 17 anos, garçom:

“Sim, porque assim conseguimos entender a história do urânio e ficar mais próximo dela.”

Joaquina, 46 anos, lavradora:

“Sim, porque falar da cidade onde eu nasci faz bem, pois se falar do urânio tem que falar da nossa cidade e a gente fica bem informado.”

Houve uma resposta negativa a essa questão, porém a aluna que elaborou a resposta não assistiu as aulas sobre essa abordagem local.

Os questionários elucidaram nossas dúvidas sobre a aceitabilidade da história local em sala de aula, possibilitando a recepção de respostas que comprovam a aceitação dos alunos a essa forma de ensino da história. O uso da história local pode ainda ajudar na possibilidade de os alunos criarem um vínculo maior pela história, já que os questionários também mostraram que nenhum dos alunos tem essa disciplina como a “preferida”.

Segue a sistematização das opiniões dos alunos sobre as perguntas feitas no questionário:

Tabela 1. Total de alunos que responderam os questionários: 11

Número de alunos que tem a disciplina história como preferida:	Número de alunos que acham importante falar de Caetité:	Número de alunos que acham interessante falar do Urânio em Caetité:	Número de alunos que sentiram a história acontecer mais próxima da sua vida:
00 alunos	10 alunos	11 alunos	10 alunos

Fonte: Elaborada pelo autor

Considerações Finais

A abordagem da história local em turmas de EJA deve ser vista, portanto, como instrumento para fazer com que o aluno entenda a construção da História como algo que acontece próximo a suas vidas e que são eles próprios que a constroem. A partir dessa problematização, consequentemente os alunos tomarão gosto por essa disciplina.

As características específicas das turmas de EJA forçam o professor de história a tomar outros rumos nas abordagens dos assuntos em sala de aula, até porque o cotidiano desse aluno, muitas vezes pautado em duros trabalhos durante o dia, precisa ser levado em conta para que essa experiência seja tomada como recurso para ser trabalhado em sala de aula.

As questões de pertencimento do aluno para com a sua cidade natal devem ser vistas como uma possibilidade atrativa para a formação da aprendizagem da História, além de ser de suma importância para o aluno conhecer a formação estrutural e social do seu município, conhecimento muitas vezes não disponibilizado no ensino de uma História tradicional. Todas essas possibilidades de estudo da história fortalecem as tentativas de se buscar o conhecimento histórico nas escolas, fazendo com que essa disciplina seja construída com grande significação na vida do aluno.

Assim, não é esgotado reafirmar a necessidade e importância de se trabalhar a história local em turmas de EJA, uma vez que as características particulares desse público exigem uma didática diferenciada do professor de história. Nessa experiência de estágio, o diálogo formado sobre Caetité e a extração de urânio, somado aos relatos das experiências dos alunos sobre esse conteúdo, sem dúvida, ocasionaram na formação do conhecimento histórico nessa turma de EJA e possibilitaram o desenvolvimento de um estágio pautado no ensino de uma história grandemente preocupada com o social.

Referências

Ciclo do Urânio. INB – Indústrias Nucleares do Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eWV1JVrR_oU CORRÊA, Anderson Romário Pereira. **História Local e Micro-História: Encontro e Desencontros.** Porto Alegre: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Maria de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et all (org.) **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.** Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. 175-185.

História na Educação de Jovens e Adultos História na Educação de Jovens e Adultos. COEJA. Disponível em: <portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegumento/vol2_historia.pdf>. Acesso em 08 nov. 2016. p. 134)

MANTOVANI, Eduardo Eliasquevitch. **A avaliação no ensino de história e as contribuições da psicopedagogia.** Campinas/SP: 2006, p.13.

O Ciclo do Urânio. Greenpeace Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Z5dLXgoCR0>>. Acesso em 23/08/2016.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica – Teoria da História:** os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001, p.79.

SCHMIDT, Maria auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** 2. ed. São Paulo: EDITORA, 2009, p.54.

Recebido em: 07 de fevereiro de 2020.

Aceito em: 13 de dezembro de 2021.